



IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO FONÉTICO/FONOLÓGICO NO ENSINO DA LÍNGUA

Leliane Regina Ortega¹
leliortega@gmail.com

Madalena Benazzi Meotti²
mada0803@hotmail.com

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho³
nicomedes@gmail.com

RESUMO: Considerando o objetivo principal de todo e qualquer ato comunicativo humano estar pautado na compreensão, neste artigo buscou-se refletir sobre a importância do conhecimento fonético e fonológico por parte do professor no processo de ensino da língua. Conhecimento este que possibilitará olhar para os textos dos alunos e perceber quais são os equívocos causados pela interferência da fala na escrita e os fenômenos de natureza arbitrária da língua, que não permitem tornar os textos totalmente adequados para circulação social. Discorreu-se, ainda, a respeito da importância desse conhecimento para o ensino de língua materna e realizou-se a análise de textos de uma turma de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública do município de Toledo/PR, no sentido de observar a ocorrência da monotongação e ditongação nesses enunciados escritos. Utilizou-se, como embasamento teórico, autores como Seara, Nunes e Lozzaroto-Volcão (2011), Oliveira (2005), Hernandorena (2001), Cagliari (2002), entre outros. Os resultados demonstraram que os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, de modo geral, compreendem as principais diferenças entre a linguagem falada e a escrita.

PALAVRAS CHAVE: Fonética; Fonologia; Ensino.

ABSTRACT: Considering the main objective of any human communicative act being based on comprehension, this article sought to reflect on the importance of phonological and phonetic knowledge on the part of the teacher in the process of teaching the language. This knowledge will make it possible to look at the students' texts and to understand the misconceptions caused by the interference of speech in writing and the phenomena of an arbitrary nature of the language that do not allow the texts to be fully adapted for social circulation. It was also discussed about the importance of this knowledge for the teaching of mother tongue and the analysis of texts of a group of students of the 5th year of Elementary School, of a public school in the municipality of Toledo / PR, was carried out. Sense of observing the occurrence of monotongation and diphthongation in these written statements. Authors such as Seara, Nunes and Lozzaroto-Volcão (2011), Oliveira (2005), Hernandorena (2001), Cagliari (2002) and others

¹ Doutoranda em Letras - Linguagem e Sociedade pelo PPGL - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, Mestra pelo mesmo programa, e professora da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná.

² Doutoranda em Letras - Linguagem e Sociedade pelo PPGL - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, Mestra pelo mesmo programa, e professora da Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná.

³ Doutorando em Letras - Linguagem e Sociedade pelo PPGL - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, Mestre em Educação pelo PPGE da UCB, pesquisador do NUPESDD - Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul-UEMS, CEPAD - O Centro de Pesquisa em Análise do Discurso da mesma Universidade e do Grupo de Linguagens, Cultura e Identidades – GPLiCI da UFMA



were used as theoretical basis. The results showed that students in the fifth year of elementary school, in general, understand the main differences between spoken and written language.

KEYWORDS: Phonetics; Phonology; Teaching.

INTRODUÇÃO

O ensino da leitura e da escrita possui um enfoque central na atuação do professor nos anos iniciais da educação fundamental. A aquisição dessas habilidades não acontece espontaneamente, requer mediação no sentido de possibilitar ao aluno a utilização da leitura e da escrita em seu processo de comunicação. No entanto, esse aprendizado também se constitui em um grande desafio para muitos professores, principalmente no que diz respeito à ortografia para o domínio da escrita convencional das palavras.

Nesse sentido, a Fonética, que se dedica ao estudo dos sons em suas propriedades físico-articulatórias (aparelho fonador) e a Fonologia, que estuda as diferenças fônicas, ou seja, a relação entre os fonemas, constituem-se estudos essenciais para uma prática docente consciente, que pode contribuir para que os alunos reflitam sobre sua própria língua e aperfeiçoem sua utilização.

A vida escolar abala o mundo oral ao qual a criança estava acostumada. O aluno se vê diante de regras, normas para falar “corretamente”, ao mesmo tempo em que contempla o mundo da escrita devendo apropriar-se dele. Partindo dessa compreensão, o objetivo deste texto é apresentar uma reflexão teórica sobre conceitos referentes à Fonética e à Fonologia, além da análise de textos de alunos do 5º ano, observando se ainda persistem problemas como a monotongação e a ditongação. Para isso, foram analisados 21 textos e observou-se a incidência de casos de monotongação e ditongação nas construções linguísticas desses enunciados.

Para dar conta do proposto, este artigo encontra-se assim organizado: primeiramente apresentamos os estudos da Fonética e Fonologia na descrição dos erros da escrita que sustentam esse trabalho; em seguida, discorreremos sobre a importância do conhecimento fonológico no ensino da língua no sentido de o professor conhecer as hipóteses formuladas pela criança sobre a fonologia e como ela vai transpondo essas

hipóteses na representação da escrita; e, finalmente, apresentamos as análises a respeito dos processos de monotongação e ditongação em textos de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental.

1. A FONÉTICA E A FONOLOGIA NO CONTEXTO DE ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Segundo Hora (2009), os estudiosos de muito antes do século XX já se preocupavam com os estudos fonéticos, porém a Fonologia apenas tornou-se objeto de estudo no início do século XX com os estudos do Círculo de Praga. Apesar da proximidade desses dois campos, muitas particularidades diferenciam as investigações e explicações dessas duas áreas. Para Seara, Nunes e Lozzaroto-Volcão, “tanto a fonética quanto a fonologia investigam como os seres humanos produzem e ouvem os sons da fala” (SEARA, NUNES e LOZZAROTO-VOLCÃO, 2011, p. 11), assim sendo, faz-se necessário que uma área seja compreendida para que a outra seja explicada.

Nesse contexto, destaca-se que a fala envolve diferentes aspectos que podem ser explorados pela Fonética. Essa área, segundo Cagliari, preocupa-se

[...] com a descrição dos fatos físicos que caracterizam linguisticamente os sons da fala. Descreve os sons da fala, dizendo quais mecanismos e processos de produção da fala estão envolvidos em um determinado segmento da cadeia sonora da fala (CAGLIARI, 2002, p. 17).

Segundo o autor, as explicações sobre como o som se articula com uma corrente de ar pulmonar ou a descrição de um som em termos acústicos pertencem a Fonética. Do mesmo modo, essa área refere-se à observação física que deve receber uma interpretação em função das possibilidades articulatórias e auditivas do ser humano.

Por outro lado, a Fonologia, de acordo com Hernandorema, destina-se a estudar os sistemas dos sons incluindo “sua descrição, estrutura e funcionamento, analisa [ainda] a forma das sílabas, morfemas, palavras e frases, como se organizam e como se estabelece a relação *mente e língua* de modo que a comunicação se processe”

(HERNANDORENA, 2001, p. 11), e assim se constitui como uma atividade sistematicamente organizada e significativa. Desse modo, a Fonologia interpreta os resultados apresentados pela Fonética considerando o sistema de sons da língua e os modelos teóricos existentes para esse fim.

Nesse contexto, uma das maneiras de simplificar a compreensão da abrangência dos estudos da Fonologia é refletirmos sobre a maneira como os falantes se entendem diante da imensidão de sons que podem ser produzidos pelo Aparelho Fonador. Isso nos leva a concluir que existe um acordo entre os falantes de uma mesma comunidade linguística que determina a variação da fala. Logo, a Fonologia se interessa “pela função linguística dos sons da fala” (SEARA, NUNES e LAZZAROTTO-VOLCAO, 2011, p. 67) e examina a distinção de sentidos e “as variações sonoras que afetam a compreensão da mensagem” (SEARA, NUNES e LAZZAROTTO-VOLCAO, 2011, p. 67), além de consolidar-se como um campo fundamental para a aprendizagem de uma língua. De acordo com Cagliari (2002), a Fonologia e a Fonética dispõem de métodos diferentes de estudo, porém se complementam para explicar a realidade sonora de uma língua.

Conforme Rodrigues (2005), os conceitos fonéticos e fonológicos são essenciais para aprimorar o domínio da língua materna. A autora destaca essa importância

[...] quer como instrumento para a compreensão de outras noções quer como objecto de conhecimento [...] para além de facilitar o percurso de aprendizagem de outros conceitos (gramaticais e literários) e de permitir aprofundar o conhecimento da língua materna, ajuda a desenvolver a consciência fonológica dos alunos, necessária para a compreensão e para a produção textual (RODRIGUES, 2005, p. 24).

De acordo com a citação, os fundamentos fonéticos e fonológicos são essenciais para a compreensão de outras áreas, além de possibilitar um conhecimento mais amplo sobre a língua materna. Somente por meio desses conceitos, os alunos poderão desenvolver a consciência fonológica imprescindível para o desenvolvimento das práticas discursivas.

O processo de aquisição fonológica ocorre de forma mais intensa na infância, mas não se restringe a essa etapa da vida, pois pode promover descobertas significativas até a idade adulta. É fato que estamos aprendendo constantemente e segundo Miranda (2012), as trocas, que são consideradas como erros pelos professores, podem representar



as mudanças ocorridas na aquisição do conhecimento linguístico, uma vez que “pode ser considerado um veículo de manifestações das hipóteses que a criança vem formulando sobre a fonologia de sua língua” (MIRANDA, 2012, p. 129). Por isso, não deve ser ignorado, uma vez que representa a maneira como o aluno compreende determinado processo.

Quando a criança atinge a idade escolar, muitos conhecimentos fonológicos já foram internalizados e isso não pode ser desprezado no processo de aquisição da escrita. De acordo com Miranda (2012), faz-se necessário que, na escola, crie-se “uma oportunidade real para que a criança atualize o conhecimento linguístico já adquirido de maneira natural e espontânea em seus primeiros anos de vida [...] no período de aquisição da escrita” (MIRANDA, 2012, p. 130). As ações desenvolvidas pelo professor na sala de aula, principalmente nos primeiros anos escolares, devem consistir em oportunidades para que os conhecimentos fonológicos dos alunos sejam “atualizados”, uma vez que “a escrita é o meio que permite a transposição do sistema de sons para a substância secundária que se manifesta em traços visíveis materializados tanto em papel como, por exemplo, na tela de um computador” (MIRANDA, 2012, p. 130). Então, até o ingresso na escola, os alunos estão mais acostumados a testar os processos fonológicos por meio da fala e assim, a escrita deve representar uma possibilidade de reflexão sobre esses processos, utilizados pelos alunos, e promover a compreensão dos meios mais apropriados para uma comunicação efetiva. Portanto, na próxima seção refletiremos sobre a importância do conhecimento acerca dos processos fonológicos para a aquisição da escrita.

2. O CONHECIMENTO FONOLÓGICO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

No processo de ensino da leitura e da escrita são observadas inúmeras dificuldades que os professores encontram em sala de aula. Nesse aspecto, de acordo com Seara, Nunes e Lazzarotto-Vulcão (2011), é necessário que os professores tenham conhecimento sobre Fonética e o funcionamento fonológico da Língua Portuguesa, para

que possam compreender às necessidades apresentadas pelos alunos e desenvolver meios para ajudá-los a avançar no processo de leitura e escrita.

Sobre isso, Simões (2006) acrescenta que “há estruturas básicas da fonologia da língua que podem e devem ser assentadas desde as primeiras séries do ensino fundamental” (SIMÕES, 2006, p. 15), uma vez que o domínio dessas estruturas básicas é considerado como ponto de partida no sentido de o aluno aperfeiçoar-se no uso das formas escritas da língua. Assim, é importante que no ensino da Língua Portuguesa o trabalho privilegie um ensino menos memorizante, mas possibilite a compreensão do funcionamento da língua.

Nesse sentido, Seara Nunes e Lazzarotto-Vulcão (2011) assevera sobre a necessidade de o aluno saber lidar com variações fonéticas-fonológicas e dessa forma poder relacioná-las aos elementos gráficos. Mas para que o aluno possa compreender o funcionamento da língua é necessário que o professor tenha esse conhecimento, ou seja, tenha domínio sobre a “camada fônica da língua portuguesa” (SIMÕES, 2006, p. 16) e perceba seus reflexos e interferências no uso da escrita.

Uma primeira reflexão que se precisa fazer diz respeito à complexidade do sistema alfabético-ortográfico da Língua Portuguesa. Outro aspecto relevante a se considerar é o que Simões (2006) afirma: “cumpre lembrar que ninguém escreve como fala nem fala como escreve” (SIMÕES, 2006, p. 16), ou seja, há uma distinção entre fala e escrita.

Simões (2006) estabelece que,

A língua falada conta com a assessoria de recursos como o gesto, a expressão facial, o tom e o timbre de voz etc., os quais são transportáveis para o escrito. A língua escrita, por sua vez, apresenta figuras não conversíveis em som (letras “mudas”, pontuação. Diacríticos etc.); espaços em branco sem correspondência no texto oral, visto que a emissão oral é contínua, além de outras particularidades (SIMÕES, 2006, p. 16).

Nesse sentido, o aprendizado da leitura e da escrita é complexo para o aluno requerendo, então, do professor competência pedagógica para minimizar tais dificuldades e conhecimento sobre as particularidades que norteiam as diferentes modalidades da língua.

Diante da distinção entre fala e língua, Oliveira (2005) reitera a fundamental importância de o professor ter clareza sobre essa diferença, pois o processo de ensino deve partir da identidade linguística do aluno, não no sentido de mudança, mas para poder demonstrar que há uma forma convencional padrão da língua.

O autor menciona um fato notório ao afirmar ser de conhecimento de todos que “ninguém fala igual a ninguém” (OLIVEIRA, 2005, p. 24). No entanto, mesmo falando de maneiras diferentes, as pessoas se entendem, pois falam a mesma língua, configurando-se diferenças como: a fala ser individual e a língua coletiva, a fala ser heterogênea e a língua homogênea. De acordo com Oliveira (2005), no início do processo de alfabetização, o aluno toma como referência sua fala para escrever, configurando muito mais uma escrita fonética do que ortográfica padrão.

Para que o aluno faça a substituição de hipóteses é necessário uma intervenção pedagógica adequada de modo a estimulá-lo a fazer a representação escrita baseada nas normas da língua e não mais na própria fala.

Bortoni-Ricardo (2006) acrescenta que o aluno, ao reconhecer as palavras, está desempenhando e desenvolvendo a habilidade de leitura que constitui-se como a principal tarefa do leitor principiante, e esse reconhecimento é mediado pela fonologia. Segundo a autora

Por meio da decodificação fonológica, o aprendiz traduz sons em letras, quando lê, e faz o inverso, quando escreve. Ler e escrever são processos complexos – o segundo ainda mais complexo que o primeiro –, que exigem conhecimentos de natureza sintática, semântica e pragmático-cultural, que o leitor vai adquirindo à medida que amplia o seu léxico ortográfico, nos estágios subseqüentes à fase de alfabetização. Mas ressalve-se que, na fase inicial da aprendizagem da leitura, a competência essencial a ser desenvolvida é a decodificação de palavras, o que, por sua vez, implica um processamento fonológico (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 204).

A pesquisadora reconhece que nesse processo de leitura e escrita está envolvido mais do que a compreensão do princípio alfabético, que procura estabelecer a correspondência entre grafemas e fonemas. Ler e escrever constituem-se processos complexos e a escrita apresenta uma complexidade ainda maior, uma vez que exige do aluno o conhecimento sintático, semântico, morfológico entre outros, que o aluno só vai

adquirindo à medida que amplia o seu repertório léxico ortográfico, conforme avança no Ensino fundamental.

Nessa perspectiva, o conhecimento acerca dos fenômenos, por conta da atuação da fala, como o ritmo que se impõe ao texto, possibilita que se compreenda sobre os fatos gramaticais ou textuais, dessa forma considerando a fala e a escrita, torna-se necessário entender do material fonêmico, das consequências da fala de situações de interação pela língua.

De acordo com Silva (2011), os processos fonológicos podem ser percebidos tanto em apenas um estágio da língua (ponto de vista sincrônico), como em estágios sucessivos da língua (ponto de vista diacrônico). Os processos fonológicos são caracterizados pelo acréscimo, supressão ou transposição de fonemas numa palavra.

Segundo Stampe (1973, apud Othero, 2005, p.3)

Um processo fonológico é uma operação mental que se aplica à fala para substituir, no lugar de uma classe de sons ou de uma sequência de sons que apresentam uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala do indivíduo, uma classe alternativa idêntica, porém desprovida da propriedade difícil (OTHERO, 2005).

Considerando esse como um dos primeiros conceitos sobre processos fonológicos, o objetivo do autor é demonstrar que a criança, no momento da produção de sons ou grupos de sons, quando não consegue reproduzir esse som “difícil”, faz substituição por outro som que seja igual, no entanto, com um grau de complexidade de pronúncia menor.

Cagliari (2002) estabelece que “as alterações sonoras que ocorrem nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente, são aplicadas através de regras que caracterizam processos fonológicos” (CAGLIARI, 2002, p. 99). Esses processos provêm de alterações sonoras que ocorrem nas formas básicas dos morfemas, que na realização fonética, são explicadas através de regras que caracterizam os processos fonológicos.

De acordo com Seara, Nunes e Lazzarotto-Vulcão (2011), os processos fonológicos referem-se as “alterações sonoras sofridas nas formas básicas dos morfemas

quando se combinam para formar palavras ou no início ou final de palavras justapostas” (SEARA, NUNES E LAZZAROTTO-VULCÃO, 2011, p. 109). Ou seja, a estrutura fonética relaciona-se a um item lexical por meio de um sistema de regras. Os autores destacam que os processos fonológicos estão organizados em quatro categoria – assimilação, estruturação silábica, enfraquecimento ou reforço e neutralização. As modificações analisadas nesse trabalho – monotongação e ditongação – ocorrem pelo processo de enfraquecimento e reforço.

Esse processo ocorre, de acordo com Seara, Nunes e Lazzarotto-Vulcão (2011), “quando os segmentos são modificados segundo sua posição na palavra” (SEARA, NUNES E LAZZAROTTO-VULCÃO, 2011, p. 110). Há modificações que são mais complexas, como é o caso do fenômeno chamado *síncope*, que se refere ao “apagamento de segmento medial, produzindo formas sincopadas” (SILVA, 2011, p. 81), como é o caso da palavra *xícara* (proparoxítone) onde a vogal A da sílaba CA desaparece, transformando a palavra em *xicra* (paroxítone). Seara, Nunes e Lazzarotto-Vulcão (2011) acrescenta ainda que nesse caso, ocorreu síncope, uma vogal próxima a uma outra acentuada foi eliminada. Esse fenômeno ocorreu na evolução do latim para o francês e para o português.

Silva (2011) ressalta ainda que

Em relação à síncope, há duas observações que podem ser feitas:

1. A supressão de glide provoca “monotongação”: manteiga – mantega;
2. A síncope também ocorre nas palavras proparoxítonas (forma emprestada do latim clássico). Na fala coloquial, ela se transforma em paroxítone (SILVA, 2011, p. 81).

Na monotongação, ocorre a supressão de uma letra, normalmente uma vogal. Enquanto na ditongação ocorre o oposto, as vogais tônicas, como acontece nas palavras monossilábicas cuja terminação é uma sibilante, há o acréscimo de mais uma vogal, como exemplo com a palavra *dez* que se transforma em *deiz*.

A questão que emerge frente aos textos dos alunos do Ensino fundamental, tanto das séries iniciais quanto das finais, tendo a clareza de que o aluno no seu processo de aquisição da língua escrita pauta-se na fala para elaborar suas hipóteses, é uma grande



incidência de casos de monotongação e ditongação. Assim, busca-se analisar, neste trabalho, se em textos de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, ainda ocorrem, o que Simões (2006) denomina de grafias pseudofonéticas, ou seja, as escritas assentadas na fala do aluno. Apresentamos essas reflexões na próxima seção.

3. OS PROCESSOS DE DITONGAÇÃO E MONOTONGAÇÃO NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO 5º ANO

Os textos analisados a seguir são produções de alunos do 5º ano, de uma escola situada no distrito de Novo Sarandi, município de Toledo - PR, caracterizando, portanto, crianças e adolescentes de uma mesma comunidade linguística.

O distrito de Novo Sarandi foi colonizado por volta de 1950, por famílias oriundas de Sarandi, no Rio Grande do Sul, e em sua grande maioria eram de origem italiana e alemã. Atualmente o distrito conta com aproximadamente 3.000 habitantes e percebe-se ainda a predominância de famílias das mesmas origens.

Foram analisados 21 textos de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental com a verificação de como e em que quantidade ocorrem a monotongação e a ditongação na escrita de alunos desta etapa escolar, como consequência de enfraquecimento e reforço, ou seja, neste processo os segmentos modificam-se de acordo com a sua posição na palavra. Esses são processos fonológicos muito recorrentes dentro das mudanças articulatórias de um fonema por influência do contexto.

A sílaba no Português Brasileiro pode ter a seguinte estrutura: ataque (A) e rima (R), esta, por sua vez, se bifurca em núcleo (N) e coda (Cd). Uma sílaba, necessariamente, não precisa ter todas as posições preenchidas, mas o núcleo, sempre o será. Segundo Bisol (2001), a regra de formação de coda é que constitui o ditongo. Dessa forma, no Português Brasileiro, quando se trata da presença de duas vogais em uma mesma sílaba, conta com o que denominamos de ditongo. Uma dessas vogais, a de menor proeminência, é o glide. Se o glide ocupa a posição anterior à vogal, origina o

que chamamos de ditongo crescente; se o glide ocupa a posição posterior à vogal, temos o ditongo decrescente.

Quanto ao fenômeno da monotongação, sua existência ocorre desde a passagem do latim clássico para o vulgar, se mantendo nas línguas românicas, e, consiste na redução do ditongo a uma vogal simples, ou seja, na supressão do glide nos ditongos [aj], [ej] e [ow], reduzindo-os, respectivamente, às vogais simples [a], [e] e [o]. Para Câmara Jr., “chama-se monotongo à vogal simples resultante deste processo, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza em uma linguagem mais cuidadosa” (CÂMARA, 1978, p.170).

Dos 21 textos analisados foram encontradas 6 ocorrências de monotongação, que consiste em uma mudança fonética de passagem de um ditongo a uma vogal simples, que foram:

Quadro 1 – Caso de Monotongação

➤ Jogu = jogou

Observa-se, neste caso, que o aluno ao fazer o processo de monotongação do ditongo [ou], no momento do registro escrito, escreveu a semivogal [u], suprimindo a vogal, fugindo da maioria dos casos em que o registro é da vogal.

Quadro 2 – Casos de Monotongação

- Junto = juntou
- Entero – enterrou
- Robou – roubou
- Robar- roubar

Nas ocorrências observadas no quadro 2, no processo de monotongação também do ditongo [ow], houve a supressão da semivogal [u] e os registros escritos aconteceram somente com a vogal [o]. É possível observar que ocorre tanto em coda silábica final

como em coda silábica intermediária o apagamento da semivogal. O ditongo [ou] monotonga em qualquer contexto, ou seja, independente do fonema posterior.

Quadro 3 – Caso de Monotongação

➤ Dinheiro – dinheiro

Observa-se, no quadro 3, que nesse processo de monotongação do ditongo [ei], o aluno fez o apagamento da semivogal [i], registrando somente a vogal [e]. A monotongação do ditongo [ei] acontece geralmente diante de [r], sons do [x] e [j].

De modo geral, pode-se afirmar que, de um contexto de 21 produções ocorreram somente 6 casos de monotongação, esses alunos já avançaram no processo de escrita e percebem a distinção entre a língua falada e a língua escrita, mas ocorre ainda a interferência em alguns ditongos. Isso não significa que o professor deva ignorar essas ocorrências, mas deve propor atividades de modo que todos os alunos façam o uso da língua escrita com competência. Para que isso ocorra, não é necessária uma mudança na identidade linguística, mas adequar a fala à escrita, mostrando ao aluno a forma de registro convencional.

Com relação aos casos de ditongação não houve nenhum registro nos textos analisados, consideramos, portanto, que esse processo já foi superado por alunos dessa etapa escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das ciências Fonética e Fonologia contribui para a atuação consciente dos professores de Língua Portuguesa na sala de aula, de modo a avaliarem quais são os problemas que ainda persistem em cada ano escolar e desenvolver estratégias que ajudem os alunos a superarem os equívocos, pois todos os “erros” revelam uma hipótese que precisa ser analisada pelo professor, se ele desconhecer os processos que ocasionaram esse desvio a regra, terá dificuldade de mediar a solução do problema.



Neste trabalho, observamos que na etapa analisada os problemas de monotongação e ditongação já foram quase que completamente superados, não sendo necessário o emprego de estratégias coletivas, apenas algumas medições individuais.

Individualmente, o professor poderá propor atividades a esses alunos no sentido de usar o dicionário, montagem de banco de palavras evidenciando ditongos, fazer listas de palavras com ditongos a partir de pesquisa em revistas, jornais e outros materiais impressos, ditado de imagens contendo essas palavras, cruzadinhas, caça-palavras, entre outros. No entanto, é primordial um trabalho com texto para que ocorra a leitura e a escrita em contextos reais de uso da linguagem. Dessa forma, o aluno perceberá a necessidade de escrever ortograficamente correto, uma vez que seu texto irá circular efetivamente.

Portanto, a falta de conhecimento Fonético e Fonológico pode representar o emprego de tempo em regras já compreendidas pelos alunos e o descaso com problemas que realmente comprometem a oralidade e a escrita, e assim, os equívocos acabam se arrastando pelos anos escolares. Portanto, a teoria reflexiva e a prática precisam caminhar juntas de modo a favorecer a compreensão do aluno sobre a utilização de sua própria língua.

REFERÊNCIAS

- BISOL, Leda, **Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Marris. Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 201-220, 1º sem. 2006
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise Fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e gramática**. 8. ed., Petrópolis: Vozes, 1978.
- HERNANDORENA, Carmem Lúcia M. Introdução à teoria fonológica. In BIASOL, Leda (Orgs.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- HORA, Demerval da. **Fonética e Fonologia**. UFPB, 2009.



— **A monotongação na produção escrita: reflexo da fala?** Universidade Federal da Paraíba/CNPq João Pessoa – PB – Brasil. Disponível em ho_ra@hotmail.com
Acesso 30 - jul - 2015.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Reflexões sobre a fonologia e a aquisição da linguagem oral e escrita. **Veredas Online** – Especial – 2012, p. 122-140 – PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora - ISSN: 1982-2243

OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita**: Caderno do Formador. BH: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

OTHERO, Gabriel de A. Processos Fonológicos na Aquisição da linguagem pela criança. **ReVEL**, PUCRS, v.3, p. 1 a 13, n.5, 2005.

RODRIGUES, Sónia Valente. Fonética e Fonologia no ensino da língua materna: modos de operacionalização. **Encontro sobre Terminologia Linguística**: das teorias às práticas. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 12 e 13 de Setembro de 2005.

SEARA, Isabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga e LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, F.M. Processos Fonológicos Segmentais na Língua Portuguesa. **Littera Online**. UFMA, n.4, p. 72 a 78, 2011

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita**. Fonologia em nova fase. São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido Para Publicação em 30 de junho de 2017.

Aprovado Para Publicação em 23 de setembro de 2017.